



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA IPLA

LALANGUE, VIA RÉGIA PARA CAPTURA DO REAL¹

Elsa Góis

Elzira Uyeno

Michele Ueno

Teresa Genesini

“O discurso analítico existe porque é o analisando que o sustenta... *heureusement*”²

Introdução

Com este título - *Lalangue, via régia para captura do real* - estamos parafraseando Freud (1900/1969) que, na *Interpretação dos Sonhos*, diz que “A interpretação dos sonhos é a via real para o conhecimento das atividades inconscientes da vida anímica” (p. 550). Dez anos depois, Freud (1910/1970) repete esta frase nas *Cinco lições de psicanálise*, à página 32.

Embora as traduções dos textos de Lacan apresentem, ora a palavra *alíngua*, ora *lalíngua*, optamos por manter a palavra *lalangue* tal como Lacan a criou, por considerar esse neologismo intraduzível, já que ele associa o termo à lalação do bebê.

“Je fais lalangue parce que ça veut dire lalala, la lallation, à savoir que c’est un fait que très tôt l’être humain fait des lallations, comme ça, il n’y a qu’à voir un bébé, l’entendre, et que peu à peu il y a une personne, la mère, qui est exactement la même chose que lalangue, à part que c’est quelqu’un d’incarné, qui lui transmet lalangue”.³

Lalangue é do domínio onomatopaico, isto é, não mais de uma língua arbitrária, mas motivada. Esse fato é interessante porque *lalangue* introduz a consequência na linguagem, introdução mediada pela figura materna. Mais uma vez cito Lacan:

¹ Texto escrito sob a supervisão de Elza Macedo e de Alain Mouzat.

² Jacques Lacan: Conférence et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet n. 6/7*, 1975, p.42-45)

³ Jacques Lacan: Conférence donnée au Centre culturel français le 30 mars 1974, suivie d’une série de questions préparées à l’avance, en vue de cette discussion, et datées du 25 mars 1974. Parue dans l’ouvrage bilingue : Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan, Milan, La Salamandra, 1978, pp. 104-147.

“Desde a origem há uma relação com *lalangue*, que merece ser chamada, com toda razão, de materna, porque é pela mãe que a criança – se assim posso dizer – a recebe. Ela não aprende *lalangue*”⁴.

Lalangue torna-se um dos conceitos fundamentais do último ensino de Lacan, junto ao real, o gozo, o corpo. Aparece pela primeira vez em *L'étourdit*⁵, mas é no Seminário *Mais, ainda* (1972-73) que Lacan desenvolve mais o conceito. Refere-se a *lalangue* nas aulas de 13 de março, 8 e 15 de maio de 1973, e a aula de 26 de junho é especificamente dedicada a esse tema. “A linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo de *lalangue*”⁶ diz Lacan ao citar o discurso científico, como produtor de saber. Nessa última aula de 1973, Lacan fala que o ponto chave de seu ensino nesse ano foi o saber e que a linguagem é uma elucubração de saber sobre *lalangue*, enquanto o inconsciente é um saber-fazer sobre *lalangue*. O conceito de *lalangue* será retomado regularmente em seu ensino, principalmente de 1973 a 1975, como em *Television* (1973), no Seminário XXI – Les non-dupes-errent (1973/74), em La troisième - Intervention au Congrès de Rome (31.10.1974 / 3.11.74), no Seminário XXIII – Le sinthome (1975-76), em Conference et entretiens dans des universités nord-américaines (1975) e segue até o Seminário XXVII – Dissolution, Le Séminaire de Caracas, de 12 a 15 de julho de 1980.

O que é *lalangue*?

Lacan inventa essa palavra unindo o artigo definido à palavra *langue* – “imperfeita e que permite falar para nada dizer, dizer o que não se sabe, e mais ou menos o que se sabe”⁷ (p. 61). Na língua não há sujeito-suposto-saber, nem catalepsias e nem domínio. Nesta dimensão não há dois sons, duas palavras ou duas frases, pois quando digo e repito, não digo a mesma coisa.

Lalangue é uma forma de satisfação que não depende da significação. Cada *lalangue* é incomparável a qualquer outra, já que não existem dois ditos que sejam iguais. “*Lalangue* só se sustenta do mal-entendido, porque os sentidos se cruzam e se multiplicam sobre os sons” (Miler, p. 70), sendo a homofonia, motor de *lalangue*.

⁴ Jacques Lacan: Conference et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet n. 6/7*, 1975, p.42-45)

⁵ *L'étourdit*: publicado em *Scilicet*, 1973, n° 4, pp. 5-52.

⁶ Jacques Lacan. *Seminário XX – Mais, ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 188

⁷ Miller, Jacques-Alain. *Matemas I*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Mencionamos a intervenção de Forbes (2008) em uma entrevista clínica, em que diz: Sua dificuldade de andar tem a ver com Steinert, mas passar o dia no túmulo de sua mãe tem a ver com o Stênio.

Partindo do ponto de que não há discurso que não seja do semblante, a psicanálise, como qualquer discurso, é um artifício e uma tentativa de abordar *lalangue*.

Lalangue e psicose

Uma primeira articulação entre psicose e *lalangue* foi pensar em que os neologismos se distanciam de *lalangue*.

Os neologismos são criações de novas palavras ou uma palavra que não tem significação e passa a ter para um determinado sujeito. *Lalangue* é feita de qualquer coisa, de mal-entendido, “anterior ao significante-mestre, aquela que a análise parece liberar e desencadear” (Miller, p. 69).

A linguagem não é *lalangue*, mas uma construção desta. “Há muito mais coisas na *lalangue* do que sabe a linguagem. O inconsciente é feito de *lalangue*, cujos efeitos vão além de comunicar” (p. 69). Um dos primeiros efeitos que aparecem de *lalangue* é o afeto, “em particular, a raiva” (p. 140).

Miller⁸ sugere, na conversação de Angers, que “*lalangue* não é um instrumento de comunicação” (Miller, p. 276), mas uma forma de tecer um esboço de laço social. Forma que o analista tem de se vincular com o sujeito psicótico. Podemos pensá-la como neotransferência nas psicoses. Neo, porque estamos falando de neopsicoses, aquelas que não são desencadeadas, segundo Ariel, “um saco de gato”, que criaram uma nova posição do analista e “uma nova forma de demanda” (p. 132). Nos casos clínicos de sujeitos psicóticos o que se observa é que a neotransferência não é motivada pelo sujeito suposto saber, como nas neuroses, mas através de *lalangue*. Esta permite que um significante deixe um traço, traço este fora do sentido.

No seminário *Encore*, Lacan faz a distinção entre dois saberes inconscientes: um saber sobre *lalangue*, privado de linguagem e outro saber fazer com *lalangue*, privado do inconsciente. Como podemos articulá-los nas psicoses? Lacan menciona que em uma relação há um encontro de dois inconscientes. Se há relação, há também uma distinção: “o inconsciente é um saber fazer com *lalangue*; enquanto que a linguagem é uma

⁸ Miller, Jacques-Alain. *La psicosis ordinaria*, Paidós, 2006.

elucubração de saber sobre *lalangue*” (Miller, p. 144). A linguagem, em primeiro plano, não existe. Ela “é o que se procura saber com relação à função de *lalangue*. Enquanto que o inconsciente é o testemunho de um saber fazer com *lalangue* que escapa ao ser falante” (p. 144-145).

“Numa neurose, a análise começa pela precipitação do sintoma, com enganche do sujeito suposto saber ao desejo do analista”, já na psicose, poderíamos dizer que começa “com uma cristalização do sintoma, com captura do gozo pela *lalangue* de transferência” (p. 151), como modo de inserir esse sujeito num discurso. Se na neurose podemos falar em saber suposto, na psicose falamos de saber exposto, onde o inconsciente encontra-se a céu aberto.

Uma forma que o analista encontra de fazer um laço com o psicótico é através da onomatopéia, cifra ou traço escrito, tratando-se de algo que vá ao revés do sentido. Então, parece-me que, se os neologismos têm alguma significação, mesmo que seja só para o sujeito, *lalangue* escapa ao sentido e à significação.

Joyce, o homem *sinthome*

“... É pensando nas coisas que se pode compreendê-las - processo que Joyce seguiu através de toda a sua vida. Olhando intensamente para o mundo através de palavras e para as palavras através de sua experiência do mundo, ele precisava dar nome a tudo que fazia parte de sua experiência.”⁹

O texto *Pièces détachées*, em português, *Peças de reposição*, de Jacques Alain Miller, apresenta ao leitor um olhar de Lacan para quatro axiomas de Spinoza, desenvolvido no Seminário *Sinthome*.

- 1- O homem pensa;
- 2- Isso vale para qualquer um;
- 3- Esse pensamento tem três modos: amor, desejo e afeto e o quarto, o mais lacaniano, liga o pensamento ao corpo, este afetado de numerosos modos.

Para Lacan, no referido seminário, pensar é sempre pensar o corpo, enquanto o corpo goza e, por esse fato o pensamento falha.

⁹ Chester G. Anderson. *James Joyce*, p. 16.

Sobre a falha, ele explica que não é um acidente, mas um conceito que faz par com o gozo. Este é do corpo, como a falha é do pensamento. Como tal, o gozo do corpo rateia a sexualidade. Assim, continua, toda falha é sexual e o ato falho também é sexual.

No Seminário *Sinthome*, Lacan analisa o escritor Joyce e sua obra, tomando por base os pontos teóricos acima citados.

James Joyce é o mito lacaniano, ou seja, está para Lacan, como o mito de Édipo está para Freud. Quando Lacan largou a mão de Freud, pegou na de Joyce. O mito lacaniano é, portanto, “James Joyce, o sinthoma. Joyce será aquele que dará o aparato, a essência, a abstração do *symptôme*. É um nome próprio que designa um singular, à parte de outros, que se conduziu a um ponto extremo e, por tê-lo atingido, encarnou o sintoma.

O que significa “encarnar o sintoma”? É o contrário de significantizar: quando se fala na captura do significante, é sempre para dizer que em definitivo o detalhe a encontra; o singular, caso de Joyce, como por milagre, é transposto para o universal do significante, num movimento exatamente inverso, uma encarnação, e que conduz, em Joyce, tal como Lacan a constrói ou sonha, à redução a uma estrutura que é a do homem.

É com esta hipótese, segundo Miller, que ele entrou em Joyce e que ele elucubrou e escreveu este surpreendente Seminário.

Haveria em Joyce uma abstração do *symptôme*, uma vez que ele se se abstrai da relação com o Outro. Para nós, à primeira vista, parece um paradoxo ele se abstrair do Outro, escrever e querer publicar, para se eternizar como nome. Miller diz que se ele quisser, ele sublimará. De qualquer modo, resta o fato de que ele se abstrai do querer dizer no que escreve. São, portanto duas coisas diferentes: o querer dizer e o Outro.

Nas margens do Seminário do *Sinthôme*, no que faz horizonte, vemos este surpreendente aerólito que é *Finnegans Wake*, o intraduzível. Embora tenha sido traduzido por alguns corajosos, eles apenas “testemunharam que aquilo não se traduz, porque não é escrito numa língua”, segundo Miller, no texto em pauta.

Joyce abstrai-se do querer-dizer, isto é, não quer mais nada dizer. Não dá o significado do significante, mas somente o eco homofônico e translingüístico, que confunde, que despista todo significado e, principalmente, que o anula e que o multiplica, sendo uma câmara de ecos que baterá um no outro ao acaso, de maneira contingente.

Se considerarmos a teoria de Vilém Flusser sobre as diversas camadas da língua, em “Língua é realidade”, podemos, talvez, dizer que Joyce atingiu o silêncio autêntico, o NADA superior, como explica o autor citado, o silêncio do não mais articulável, o calar-se de um S. Tomás, de um Wittgenstein, do Buda.

Criou outra língua inacessível à maioria dos leitores. Flusser, no mesmo livro, cita Wittgenstein: “A história do pensamento humano é a coleção das feridas que esse pensamento acumulou ao precipitar-se contra as fronteiras da língua.” (Flusser: 1963).

Lacan diz sobre o mito que Joyce é o que está ali, para demonstrar a relação de cada um com *lalangue*, “que toca cada um como essa câmara de ecos, e que esta contingência é, para cada um, um traumatismo” (Miller).

Lacan explica sobre o traumatismo: a desarmonia é original, o som de *lalangue* não é jamais harmônico, afinado com ninguém. Diz ainda que a desarmonia não pode ser pensada (*pansée*), recuperada, curada.

Conforme Lacan, em citação de Miller, “*lalangue*, faz do ser que a habita e que a falará, um doente, um diferente e tudo que lhe é permitido fazer com, é uma obra.”

Esse seria o exemplo de Joyce: do traumatismo sofrido da *lalangue*, e de suas conseqüências, fazer uma obra, dita por Lacan, um estranho aerólito de *Finnegans Wake*, trabalhada durante dezessete anos, um ideal, a que o autor irlandês prometeu a si mesmo dedicar-se e realizar, afastando-se dos vínculos sociais, e que Lacan chamou o seu “escabelo”, introduzindo um conceito inédito, incluindo o belo “S.K. beau”. É um conceito inédito: de uma medíocre felicidade fazer alguma coisa que se possa chamar de belo, escabelo.

Outros escritores igualmente se isolaram durante muitos anos, como Montaigne, na sua torre de marfim e o escritor Marcel Proust que, bastante doente, permaneceu em seu quarto, durante catorze anos. Após a morte da mãe, dois anos depois da do pai, dedicou-se a estudar psicanálise e psicologia, internou-se numa clínica e, de volta à sua casa escreveu *À la recherche du temps perdu*, obra de quatro mil páginas. Também ele fez de seu traumatismo, de seu sintoma, de uma doença, uma obra de arte.

Escreveu ele que devemos as grandes invenções e os grandes feitos aos nervosos; no dizer de Lacan, o neurótico utiliza o seu sintoma de forma a lhe permitir viver, evitar o que lhe é desconfortável.

Segundo Miller, isso muda o pensamento que se possa ter do sintoma, quando se destaca que ele desordena, apelando-se para algo que torna o indivíduo, apesar de tudo, “feliz de viver”.

Lalangue, uma operação leirissiana

Resgatando a dupla defasagem – entre “o que se escuta e o que se diz” e entre “o que se escreve e o que se lê” –, pela qual Lacan estabelece o estatuto da “interpretação analítica”, e o mais-de-significante, ao qual chama efeito poético – encontrados em poemas de Mallarmé, em Michel Leiris, no conto “A Regra do Jogo” Lacan – pela qual Lacan concede o estatuto privilegiado à escrita, levando-o à postulação da *lalangue*, Miller adverte o analista quanto à interpretação analítica a se proceder diante dessa operação leirissiana (MILLER, 1996).

A especificidade da “interpretação analítica” pauta-se nas defasagens entre “o que se escuta e o que se diz” e entre “o que se escreve, e o que se lê”, e essas defasagens são postuladas a partir de duas premissas. A primeira é extraída de outro silogismo, segundo o qual se o que se comunica, o que se coloca como verdade apresenta-se como da ordem da proposição, isto é, passível de se constituir verdadeiro ou falso, a expressão “o que se escuta”, para além das duas dimensões do que é dito – o que alcança o ouvido e o que é aí compreendido –, encerra uma defasagem. A segunda é extraída de outro silogismo: se a interpretação, como tradicionalmente era vista, é aparelhada, isto é, estabelecida com regras, cuja melhor ilustração é a exegese medieval cristã da Bíblia¹⁰ (MILLER, 1996), é porque há outra interpretação (HAROCHE, 1988).

Miller ratifica a proposição lacaniana da interpretação analítica pela defutação do Saussure canônico do “Curso de Linguística Geral” que postula a impossibilidade de interpretação entre significante e significado e alinha-se com o “proto-Saussure o Saussure das gavetas” (MILLER, 1996) de “Escritos de Linguística Geral”, restabelecendo a interpretação inteira e obrigatória entre significante e significado. Não

¹⁰ As regras de interpretação foram especificamente formuladas e refinadas para a interpretação das Sagradas Escrituras das quais se constituiu a exegese medieval cristã da Bíblia; uma de suas referências é a Exegese Medieval do compêndio do Cardeal de Lubac, constituído de quatro volumes que fornecem o sistema de interpretação da Escritura consagrada ao Antigo e Novo Testamento (MILLER, 1996, p. 95). Essa exegese também teve como paralelo a hermenêutica que exerceu grande influência na teologia cristã e alimentou as teologias da Palavra-Evento, para as quais o acontecimento por excelência é um evento lingüístico e este evento lingüístico é o querigma (Kerygma), a pregação do Evangelho, pautando-se na determinação de que o evento original dá testemunho de si mesmo no acontecimento presente pelo qual aplicamos a nós mesmos num ato de fé (RICOEUR, 1987, p. 34).

há interpretação no Saussure canônico que figura o significante e o significado como verso e averso de uma folha que cortada por um lado tem, necessariamente, o outro cortado, não permitindo, portanto, interpretação entre significante e significado. A adoção do “proto-Saussure” como fundamento da interpretação analítica que restabelece a interpretação obrigatória entre significante e significado, é certamente corroborada com a publicação de “Escritos de Lingüística Geral”¹¹, cujo conteúdo difere radicalmente do Saussure canônico e apresenta convergências com a psicanálise (ANQUETIL, 2004, p. 35).

Embora aparentemente diante do que se ouve e do que se escreve se esteja igualmente em termos de significantes, por haver indícios de que ocorre no escrito “algo a mais ou algo distinto do significante”, Lacan postula que o escrito não é para ser lido.

Lacan concede o estatuto privilegiado à escrita em seus estudos ulteriores; descobre a escritura na palavra, mais especificamente, o “gramma” – a letra, a escritura – pelo qual se materializa um sistema fonético, por meio de traços distintos, usando-se, à época, caracteres de chumbo. Os tipos prensados presentificam o que se chama letra, a saber, a estrutura essencialmente localizada no significante despojado de qualquer valor de significação (LACAN, 1969, p.501). Se a letra é o significante separado do significado, a escritura se encontra nesse nível (MILLER, 1996, p. 97).

Não sendo o significante e o significado verso e reverso, há mais significância, quando há menos semantismo; havendo mais significância, o significante funciona como letra, como tal, separado de seu valor de significação. Esse mais-de-significante é o que se pode chamar de efeito poético (MILLER, 1996, p. 98), encontrados em poemas de Mallarmé, em Michel Leiris, no conto “A Regra do Jogo” em que narra a experiência da infância e recorda ter proferido o termo flismente (em lugar de felizmente) que constitui a única palavra passível de descrever o seu, apenas seu sentimento, o que confere a esse termo o estatuto de *lalangue* – uma operação leirissiana, lendo-se em uma única palavra o artigo e o substantivo – o que faz da linguagem, por meio da escrita, integralmente sujeita ao equívoco. Para precisar o sentido de equívoco, Lacan refere-se à linguagem animal, no sentido de que os animais não cometem equívocos. A *lalangue* é, “em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 1987, p. 15). Isso se explica, porque na *lalangue* que o poeta trabalha ”acontece que um sujeito

¹¹ As notas reunidas em “Escritos de Lingüística Geral” só se tornaram acessíveis a partir de 1996, quando a família entregou os manuscritos para a Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (ANQUETIL, 2004, p. 35).

imprima uma marca e abra uma via onde se escreve um impossível a escrever” (MILNER, 1987, p.26).

O corolário que se lhe segue é que “a interpretação requer nova definição da palavra, se ela estiver no nível da *lalangue*” (MILLER, 1996, p. 101). Se, na clínica clássica, o que se buscava na palavra era a expectativa da resposta do Outro, o que constitui o sujeito como ele mesmo (LACAN, 1969, p.299), aquele que profere a *lalangue* não busca a resposta do Outro. Quando não se trata de perguntas e respostas, mas de sua relação com o gozo, é preciso apreender a palavra captada, torcida. É necessário que se recorra a uma clínica que difere do dispositivo clássico e da psicanálise pura, convocando o psicanalista a pensar “a) as condições éticas e o ato analítico na psicanálise aplicada; b) a direção do tratamento segundo uma concepção renovada do sintoma, uma invenção para lidar com o gozo por meio de uma construção particular a cada caso” (BASTOS e FREIRE, 2008).

Lalangue, magia e felicidade

Lalangue é a língua da magia. É a língua das crianças, dos amantes. *Lalangue* é a palavra fora da significação. *Lalangue* está em oposição à linguagem estruturada, que separa o saber do real, é um saber que está inteiramente investido no fazer, um saber-fazer. Essa é a base da Segunda Clínica de Lacan. *Lalangue*, *L’aparole* e *Lituraterre* estão para a Segunda Clínica de Lacan, assim como a Fala, a Linguagem e a Letra estão para a Primeira Clínica.

Antes, o sujeito buscava uma análise para encontrar um sentido, uma interpretação da sua vida. Hoje, o analisando encontra uma orientação na análise, mas ele é quem dá o sentido, ele decide e se responsabiliza por sua escolha. Como uma virada, nos últimos anos de seu ensino, Lacan toca nas coordenadas fundamentais, faz um convite ao “ser tolo”, a não colocar sentido ou colocar o mínimo sentido, a distinguir semblante de real. É um convite ao que Lacan chamava da lógica da fantasia – a elevação da libido ao patamar do gozo suposto, um dos nomes do real, diz Jacques-Alain Miller. Enquanto a linguagem e o discurso podem ser considerados uma defesa contra o real, *lalangue* veicula o real.

Para que exista o ser falante é necessário que a língua exista, é necessária a existência do Outro. Ao contrário, em *lalangue*, não é necessário que o Outro exista.

Lalangue é da ordem do monólogo, a forma de comunicação destes tempos da globalização, em que o diálogo troca de lugar com os monólogos articulados.

Jorge Forbes, em sua aula inaugural deste ano, no IPLA, falou sobre a Felicidade na Clínica de Jacques Lacan. Nessa aula, ele fez uma construção sobre *lalangue*, magia e felicidade, a partir de dois textos: *Magia e Felicidade*, de Giorgio Agamben e*Reusement!*, de Michel Leiris. Para Agamben, felicidade tem algo de magia, de surpresa, de inesperado. Leiris narra em seu texto o desespero que sentiu ao ver seu brinquedo favorito, um soldadinho de chumbo (ou de papel maché), cair no chão e a alegria por verificar que não havia sofrido danos, que estava intacto. O menino exprimiu sua alegria exclamando: “.....Reusement !” . Essa expressão de *lalangue* revela o momento mágico, algo que não faz laço, algo que é só dele. E, eis que essa magia é quebrada quando seu irmão intervém dizendo: “Não é reusement, é heureusement !”. O irmão de Leiris corrige a alegria dele, comenta Jorge Forbes. Através dessa intervenção de seu irmão, Leiris entra para o mundo da linguagem e perde a magia. Michel Leiris tornou-se um grande escritor – esse texto encontra-se no livro *Biffures*, uma obra autobiográfica – em busca da língua rasurada, da língua perdida, pois, continuando o comentário de Forbes, a palavra, quando é atravessada e entra na civilização, não fala mais do seu gozo. Há sempre uma tentativa de a linguagem recuperar aquele gozo, da língua falar a felicidade, mas, para isso, conclui Jorge Forbes, é preciso quebrar na língua sua expressão comunicacional, do *heureusement*. É por isso que Lacan dizia, que às vezes tinha cinco anos de idade.

“Aonde isso fala, isso goza, e nada sabe.”¹²

Referências Bibliográficas

ANQUETIL, Nicole e MELMAN, Charles (org.). Saussure e Lacan. Significante a letra e o objeto. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004(35 - 40).

BASTOS, Ana B. e FREIRE, Angélica. Paradoxos em torno da clínica com crianças autistas e psicóticas: uma experiência com a “prática entre vários”. Disponível no site <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>

¹² Jacques Lacan: Seminário XX - Mais, ainda, p. 142

CHESTER, G. Anderson. James Joyce. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FORBES, Jorge. Entrevista clínica no Centro de Estudos do Genoma Humano – USP, em 9 de junho de 2008.

FORBES, Jorge. Conferência inaugural do Corpo de Formação em Psicanálise do IPLA, 25 de fevereiro de 2008.

FLUSSER, Vilém. Língua e Realidade. São Paulo: Herder, 1963.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969 - vol. V, 1900.

_____. Cinco lições de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1970 - vol. XI, 1970, p. 32

HAROCHE, Claudine. Da anulação à emergência do sujeito: os paradoxos da literalidade no discurso (elementos para uma história do individualismo). In. Orlandi, E. et al (Org.). Sujeito e texto, São Paulo: Educ, 1988.

JOYCE, James. Ulisses. Trad. Antônio Houaiss. 2ª ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, Círculo do Livro, 1975.

LACAN, Jacques. Conférence et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet n. 6/7*, 1975, p.42-45.

_____. Conférence donnée au Centre culturel français le 30 mars 1974. In *Italie Lacan*, Milan, La Salamandra, 1978, pp. 104-147.

_____. L'étourdit. *Scilicet*, 1973, n° 4, pp. 5-52.

_____. Seminário XX – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. Os Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

_____. XXVII- Dissolution, Le séminaire de Caracas, 12 au 15 juillet 1980.

MILLER, Jacques-Alain. Pièces détachées. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n° 61, p. 131-153.

_____. *Le monologue de l'apparole*. La Cause Freudienne, n. 34, 1996, p. 7-18.

_____. *O Escrito na palavra*. In: Opção Lacaniana 16, 1996.

_____. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. Matemas I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MILNER, Jean-Claude. O Amor da Língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. et al (Org.) e HAROCHE, Claudine. Da anulação à emergência do sujeito: os paradoxos da literalidade no discurso (elementos para uma história do individualismo). In. Sujeito e texto. São Paulo: Educ, 1988.

RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa: 70, 1987.